

INSTRUIR, PROPAGAR: DISSEMINAÇÃO DE SABERES COLETIVOS NA MILITÂNCIA ANARQUISTA BRASILEIRA



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v6i2.1265>

Carlos Eduardo Frankiw de Andrade

Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo

E-mail de contato: frankiw.carlos.ih@gmail.com



Recebido em: 02/07/2013 – Aceito em 28/07/2013

Resumo

O presente artigo visa analisar aspectos referentes às práticas de sociabilidade utilizadas pela militância anarquista paulistana no início do século XX. Tendo por objeto a Campanha instaurada pelo periódico “A Lanterna” em favor da construção e manutenção das Escolas Modernas em São Paulo, este artigo tem por objetivo recuperar indícios presentes nesta agitação militante que permitam delinear a existência de um esforço em favor da construção e experimentação de novas formas de relação entre política e educação como parte do arcabouço específico de práticas anarquistas utilizadas durante esses anos.

Palavras-chave: Anarquismo, Sociabilidade, Educação.

Abstract:

The present article has the objective of analyze aspects of the sociability practices used by the anarchist militancy in São Paulo during the beginning of the XX Century. Having for object the Campaign initiated by the anarchist newspaper “A Lanterna” in the support of building and maintaining the pedagogic project incarnated in the so called Escolas Modernas, the main theme of this article is to recover fragments in this militancy campaign that delineates an effort in favor of constructing and experimenting new forms of relationship between politics and education as a part of the core of the specific anarchist practices used during these years.

Keywords: Anarchism, Sociability, Education.

INTRODUÇÃO

Dentre as considerações elencadas no primeiro artigo publicado referente à constituição de uma iniciativa pedagógica autônoma de cunho anarquista encarnada no projeto das Escolas Modernas¹ em São Paulo pelo periódico libertário paulistano *A Lanterna* em sua edição de 27 de novembro de 1909, duas trazem indícios pertinentes das modalidades em que pretendiam dar concretude a esta proposta:

Aconselhamos [...] todos os que querem coadjuvar-nos, principalmente no interior do Estado a constituírem por sua vez subcomitês de propaganda, angariar donativos, promover festas, quermesses, conferências a pagamento e pôr em circulação as listas de subscrição que serão por nós distribuídas aos amigos e companheiros.

[...] A Escola Moderna propõe-se fazer da criança um homem livre e completo, que sabe porque estudou, porque refletiu, porque analisou, porque fez a si mesmo uma consciência própria [...].

Estas são as normas fundamentais que servirão de base à Escola Moderna e que por meio de conferências e publicações avulsas serão vulgarizadas para que todos compreendam o que queremos².

¹O termo Escola Moderna faz referência direta aos princípios pedagógicos estabelecidos e aplicados pelo pedagogo espanhol Francisco Ferrer y Guardia (1859 – 1909) nas instituições de ensino que procurou fundar na Espanha ao longo de sua vida. Dentre estes princípios se encontram: fundamentar o ensino da infância em princípios científicos e racionais; a noção de instrução não dissociada da formação da inteligência, desenvolvimento de caráter, o estímulo à vontade autônoma das crianças; a dimensão moral do educar, pautado pelo incentivo à solidariedade por meio do exemplo; a adaptação dos métodos pedagógicos à psicologia de seus aprendizes.

²A Escola Moderna em S. Paulo – Apelo aos anticlericais e livres-pensadores. *A Lanterna*: São Paulo, ano VIII, nº 8, 04/12/1909, p.1.

De um lado, a finalidade da iniciativa se embasaria, de acordo com seus autores, na perspectiva de criação de modalidades de ensino pautadas pela progressiva construção de formas autônomas e livres de reflexão e relação dos futuros aprendizes para com a realidade ao seu redor. Para tanto, por outro lado, o coletivo de grupos e indivíduos que iria constituir o núcleo irradiador desta iniciativa, formado por “vários centros liberais e associações econômicas” reunidos em assembleia que ocorreu em 17 de novembro de 1909³, procurou delinear um conjunto geral de atividades de solidariedade passíveis de serem utilizadas visando arrecadar fundos: subcomitês de propaganda, festividades, pequenas doações, conferências e listas de subscrição.

Dentre as diversas modalidades de agitação propostas em favor das Escolas Modernas paulistanas, a leitura de seus registros presentes em *A Lanterna* em sua fase de circulação entre os anos de 1909 e 1916, seja na campanha de construção ou na de manutenção destas⁴, permite traçar um conjunto comum de características que as permeavam: a liberdade e autonomia de iniciativa dos interessados em contribuir, dando origem e desenvolvimento a espaços e atividades multifacetadas em favor das Escolas; o caráter horizontal e aberto destas atividades, transformando-as em ambientes não só de propaganda, mas também de relativa tolerância e inclusão; a diversidade dos atores políticos e sociais que se envolveram nestas, indo da variedade de faixa etária de seus participantes à pluralidade de ideários compartilhados por seus simpatizantes, transformando-as em espaços de sociabilidade pautada pela intermitente solidariedade entre distintos interessados.

Tais indícios, bem como a especificidade dos objetivos da agitação em favor das Escolas Modernas se enquadram naquilo que era próprio às atividades militantes anarquistas quanto ao seu significado, ou seja, a qualidade de instrumentos de difusão de uma cultura própria em oposição aos estratos culturais dominantes em meio à sociedade brasileira de então. Ou seja, aquilo que Francisco Foot Hardman denominou de *cultura de resistência*:

Essa produção cultural, materializada na atividade da imprensa de propaganda anarquista, representa o que chamarei de *cultura de resistência*, dado seu papel aglutinador buscando manter a integridade ideológica e vivencial do operariado emergente, contra o sistema emergente e em prol da chamada ‘emancipação social’. Se existiu uma ‘política libertária’ (oposta à política institucional, vista em seu conjunto como burguesa), esta consistiu basicamente nessas atividades de propaganda: quero dizer que estão imbricados de forma global o sentido cultural e o sentido político da prática anarquista⁵.

É importante notar que a definição fornecida por Hardman procura configurar um sentido específico à atividade anarquista, na qualidade de construção, disseminação e defesa de uma cultura própria ao movimento libertário brasileiro em sua atuação política e social. O que, entretanto, não é caracterizado por Hardman, em sua definição de significado, é o que constitui a singularidade desta cultura de resistência em seu aspecto mais diretamente transgressor, ou seja, o como esta propaganda se produzia nas tipografias, nas greves, nas associações, nas campanhas de agitação e nas variadas manifestações da militância anarquista paulistana nesses anos.

Em meio a este conjunto variado de instrumentos de ação política e social forjado pela militância libertária, talvez as festas e conferências fossem as que mais se singularizassem pelos tipos de sociabilidade instigados e disseminados nas agitações em favor das Escolas Modernas. Formas de propagar a iniciativa libertária, estas festas e conferências se pautavam pela caracterização das especificidades do ensino racionalista por meio de exposições onde o público era convidado a interagir por meio de de-

³A Escola Moderna em S. Paulo – Apelo aos anticlericais e livres-pensadores. *A Lanterna*: São Paulo, ano VIII, nº 8, 04/12/1909, p.1.

A Escola Moderna em S. Paulo. *A Lanterna*, São Paulo, ano VIII, nº 7, 27/11/1909, p.1.

⁴A campanha de agitação em favor das Escolas Modernas paulistanas em *A Lanterna* pode ser lida a partir de duas fases distintas: a de propagação de atividades em favor de sua construção, entre 1909 e 1913 e a de disseminação de formas de ação em favor da manutenção destas, entre 1913 e 1916.

⁵HARDMAN. *Imprensa operária, espaço público e resistência: notas de leitura*, p. 309.

bates às exposições apresentadas. Outro aspecto chama atenção nestes eventos: a dimensão pedagógica destas exposições, em que o propagar da iniciativa não se dissociava da demonstração de seus métodos, transformando estes eventos em formas coletivas e relacionais de instrução popular sobre os mais variados assuntos.

Será sob o prisma dos indícios desta ausência de distinções entre propaganda e instrução popular nas sociabilidades desenvolvidas em meio às campanhas em favor das Escolas Modernas paulistanas, caracterizadas aqui como formas singulares e radicais de uso da ação direta enquanto instrumento privilegiado da cultura de resistência anarquista, que este artigo se centrará.

INSTRUIR, PROPAGAR

Dentre às diversas esferas de atuação forjadas pela militância anarquista atuante no Brasil nas primeiras décadas do século XX, a atenção para com a constituição de instrumentos de disseminação de seus ideários e práticas permite a percepção de uma permanente preocupação destes militantes em fazer uso de aspectos pedagógicos visando alastrar formas autônomas de instrução popular emancipatória. Através da publicação de jornais, da fundação de bibliotecas e pequenas escolas, de promover sessões de debates e leituras, parece ter sido intenção destes militantes constituir espaços pautados pela ausência de distinção entre o educar e o agir política e socialmente em meio à sociedade brasileira de então.

Nesse sentido, a própria existência de *A Lanterna* e a constituição de uma campanha de agitação em favor do projeto das Escolas Modernas pode ser vista como inserida nesta perspectiva de diluição de fronteiras entre ação política e instrução educacional. No que tange às especificidades destas modalidades de instrução, Paulo Ghiraldelli Junior considera que

ao contrário do discurso disseminado pelas elites da época, a instrução da população não fazia parte de um projeto de ‘desenvolvimento harmonioso do país’. A conquista da educação popular e dos instrumentos culturais açambarcados pelas classes dominantes se inseria no bojo de um projeto de ruptura social⁶.

Para Ghiraldelli, o que diferenciava a concepção pedagógica desenvolvida pela militância anarquista no Brasil era sua preocupação direta do uso da educação na qualidade de instrumento visando a transformar a sociedade vigente. Segundo o mesmo autor, diferentemente da militância socialista brasileira de então, os anarquistas praticamente não se empenharam com o desenvolvimento de diagnósticos próprios acerca da realidade educacional que vivenciavam no Brasil, tendo, portanto, graves limitações em representar os anseios populares de constituição de uma rede minimamente eficaz de ensino público. Ao contrário de Ghiraldelli, é intuito deste artigo demonstrar indícios de que, mesmo diante de uma ausência de preocupação com a expansão da rede estatal como anseio popular válido, as práticas e saberes adquiridos pela militância anarquista não deixaram de ofertar às massas uma alternativa na qual a participação das mesmas era não somente fundamental como efetivamente se deu.

Também é importante notar que a iniciativa que se iniciara em São Paulo não deixava também de ser uma forma de ecoar uma das resoluções retiradas do Primeiro Congresso Operário Brasileiro, organizado pela Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ) e realizado no Rio de Janeiro, entre os dias 15 e 20 de abril de 1906. Neste

⁶ GHIRALDELLI JUNIOR. Pedagogia, educação e movimento operário na primeira república, p. 219.

Congresso, que contou com a presença de representantes de 38 associações classistas de diversas regiões do Brasil, foi aprovada a seguinte resolução:

Tema 7:

Conveniência de que cada associação operária sustente uma escola laica para os sócios e seus filhos, e quais os meios de que deve lançar mão para esse fim?

Considerando que o ensino oficial tem por fim incutir nos educandos idéias e sentimentos tendentes a fortificar as instituições burguesas e, por conseguinte, contrárias às aspirações de emancipação operária, e que ninguém mais que os próprios operários interessam-se em formar livremente a consciência de seus filhos;

O 'Primeiro Congresso Operário Brasileiro', aconselha aos sindicatos operários a fundação de escolas apropriadas à educação que os mesmos devem receber, sempre que tal seja possível: quando os sindicatos não puderem sustentar escolas, deve a Federação local assumir o encargo⁷.

A resolução denotava uma clara preocupação com a construção de meios em que fosse possível se afirmar e expandir de maneira independente e autônoma os valores que configuravam uma *cultura de resistência* do operariado, forjado por sua vivência cotidiana e pelos diversos ideários dos militantes que atuavam em seu meio.

Mais do que preocupação, a resolução também não deixava de refletir um esforço pedagógico da militância operária cujos primórdios se encontravam na década anterior. Segundo o registro de Edgar Rodrigues⁸ embasado por sua leitura da imprensa operária do período, entre os anos de 1890 e 1906 foram fundadas duas escolas no Rio Grande do Sul, duas escolas em Santos, uma em São Paulo e uma em Campinas, além de duas experiências escolares realizadas no Rio de Janeiro, tendo por destaque a iniciativa da Universidade Popular, fundada em 1904⁹. Entre os anos de 1907 e 1923, ainda segundo o mesmo autor, além das duas Escolas Modernas fundadas pela campanha conduzida pela militância libertária que é objeto de estudo deste artigo, foram fundadas em São Paulo, contando capital e interior, mais cinco outras escolas, além de cinco no Rio de Janeiro, uma no Paraná, uma na Bahia, uma no Ceará, uma em Pernambuco, uma no Pará e duas no Rio Grande do Sul. Sejam escolas para a educação de adultos ou crianças, tais iniciativas se somavam num grandioso esforço conduzido pela militância operária e anarquista nestes anos voltado à educação e emancipação das massas.

Uma das singularidades aparentemente intrínsecas a este esforço, pelo menos no que tange às Escolas Modernas paulistanas e suas modalidades de agitação, se situaria justamente na disseminação e no incentivo à adoção de modalidades comportamentais militantes adaptadas aos objetivos específicos desta campanha de agitação. Para os propósitos deste artigo, esta disposição de sociabilidade comportamental militante específica a esta campanha será aqui designada pelo termo *instrutor-propagandista*¹⁰.

Entre os primeiros registros de atividades disseminadas pela presença de *instrutores-propagandistas* da iniciativa das Escolas Modernas paulistanas nas páginas de *A Lanterna* se encontra um ciclo de conferências de propaganda desenvolvido pelo militante anarco-comunista italiano Oreste Ristori. De acordo com o primeiro anúncio deste ciclo¹¹, as primeiras conferências se dariam em São Paulo, e era objetivo do conferencista leva-lo às cidades interioranas, por meio do auxílio voluntário de simpatizantes que se dispusessem a organizar apresentações em suas localidades.

⁷ RODRIGUES (1979). Alvorada Operária, p. 109.

⁸RODRIGUES (1979). Alvorada Operária, p. 109.

⁸Todos os dados citados se referem à pesquisa de Rodrigues publicada em seu seguinte livro: RODRIGUES. O anarquismo: na escola, no teatro, na poesia, 1992.

⁹Sobre a fundação e funcionamento da Universidade Popular no Rio de Janeiro, além da pesquisa de Rodrigues, há um interessante artigo de Milton Lopes tratando do tema em: LOPES, Milton. A Universidade Popular: experiência educacional anarquista no Rio de Janeiro, p. 203 a p. 230.

¹⁰O termo instrutor-propagandista foi originariamente proposto pelo autor deste artigo como noção visando compreender aspectos específicos de comportamentos militantes adotados nesta campanha em sua dissertação de mestrado (ANDRADE. Blásfemos e sonhadores: ideologia, utopia e sociabilidades nas campanhas anarquistas em A Lanterna (1909 – 1916), 2009). Esta noção procura dar conta de indícios de diversas modalidades de ação extraídas da leitura de A Lanterna que incidem sobre uma perspectiva singular de imbricação entre propaganda das Escolas Modernas e instrução pública nas ações desenvolvidas pela militância anarquista nesta campanha.

¹¹A Escola Moderna em S. Paulo – Conferências de Propaganda. A Lanterna, São Paulo, ano VIII, nº 11, 25/12/1909, p.2

Na programação destas conferências, que se iniciou em janeiro de 1910, se encontravam as seguintes temáticas a serem desenvolvidas por meio de projeções visuais: *a criação miraculosa do mundo*, dedicada a fornecer aspectos da explicação religiosa da origem do homem; *a descendência do homem de formas inferiores de vida*, visando explicar as concepções evolucionistas então vigentes nas ciências biológicas acerca do desenvolvimento humano; *o flagelo do alcoolismo*, nas quais projeções classificadas como “impressionantes” se destinavam a fornecer uma detalhada caracterização tanto dos danos ao organismo quanto da degradação social a que se submetiam os atingidos por este mal; *Francisco Ferrer e suas doutrinas morais*, tendo por base a explanação dos princípios e finalidades do método de ensino racionalista a ser adotado nas Escolas Modernas paulistanas.

Pelo que parece, a presença de temas de cotidiano e explicações sobre concepções divergentes acerca de um mesmo fenômeno se coadunavam com a intenção de disseminar os princípios pedagógicos a serem utilizados nas Escolas quando de seu funcionamento. Neste caso, a exposição de perspectivas distintas sobre um mesmo assunto nas atividades desenvolvidas por este *instrutores-propagandista*, neste caso, detinha o objetivo aparente de disseminar uma visão de conhecimento como produto reflexivo e dialógico entre divergentes pontos de vista. No que tange à variedade de assuntos abordados nestas atividades da campanha, a conjugação entre temáticas de cotidiano e discussões teóricas parece também traduzir a intenção de construção de um ambiente pautado pela diluição de fronteiras consagradas entre saberes a serem expostos.

Na descrição fornecida por *A Lanterna* acerca de como se decorreram as primeiras destas conferências de Ristori, diante de uma “concorrência numerosa” no Teatro Sant’Anna, tornam-se perceptíveis outros indícios da singularidade do atuar dos *instrutores-propagandistas*:

O orador [...] desenvolveu com larga cópia de argumentos o tema *A criação milagrosa do mundo*, refutando a concepção bíblica com conceitos e deduções científicas.

O auditório aplaudiu o conferencista.

Na conferência de domingo à noite, no mesmo local e pelo mesmo senhor, a dissertação foi sobre a *Descendência do homem de formas inferiores de vida*, tema este que foi desenvolvido com projeções luminosas.

O sr. Ristori dissertou com facilidade de argumentação, revelando-se um estudioso senhor da matéria¹².

Do que se depreende desta pequena nota, bem como da leitura de anúncios de eventos similares nas páginas de *A Lanterna*, o comportamento de *instrutor-propagandista* não se dissociava não só da necessidade de exposição de perspectivas divergentes, como da adoção de um ponto de vista autônomo acerca dos assuntos em debate. Ao que parece, esta afirmação de uma determinada parcialidade nos pontos de vista em disputa visava não somente a exposição de uma preferência particular do *instrutor-propagandista*, mas também instigar em meio ao público ouvinte uma conduta ativa na relação com os assuntos e saberes a serem ali apreendidos.

Outra particularidade comum a esta experiência de sociabilidade resistente encarnada pela adoção do comportamento de *instrutor-propagandista* se encontra na frequente disposição dialógica de polemizar diante dos adversários das Escolas¹³, tendo por uso as páginas de seus jornais. Nesse sentido, era frequente a atitude do coletivo editorial de *A Lanterna* de fazer publicar em suas páginas artigos inteiros reti-

¹²A Escola Moderna em S. Paulo. *A Lanterna*, São Paulo, ano VIII, nº 16, 22/01/1910, p.3.

¹³A iniciativa anarquista de dar concretude ao projeto das Escolas Modernas, seja durante a campanha de angariação de recursos, seja durante o funcionamento das mesmas, encontrou forte oposição da Igreja Católica. Era comum neste período de publicação de *A Lanterna* (1909 – 1916) a publicação de extensos artigos em resposta a editoriais publicados nos periódicos católicos que circulavam em São Paulo neste período que faziam menção crítica à iniciativa. Uma das características singulares destes artigos de refutação se encontrava na publicação integral dos textos destes editoriais católicos críticos.

rados de periódicos e panfletos católicos que procuravam denunciar a iniciativa, com o objetivo de refutar os argumentos ali apresentados em polêmicas que não raramente se delongavam por várias edições do jornal. Também nesta perspectiva, a frequente publicação de artigos da lavra de *instrutores-propagandistas* contendo as mais divergentes perspectivas acerca de determinados assuntos parece reforçar a ideia de que a prática propagandista militante destes anarquistas em muito se nutria de uma atmosfera coletivamente construída de relativa abertura e tolerância ao dissenso como parte de seu arcabouço de agitação política e social.

No que tange à composição daqueles que se dispuseram a tomar parte nesta experiência coletiva encarnada pelo comportamento de *instrutor-propagandista*, o traço marcante era a diversidade de sujeitos. Era comum *A Lanterna* publicar anúncios de pequenas festividades, como a promovida pela Sociedade Feminina de Educação Moderna em maio de 1910¹⁴, que, adotando a disposição de *instrutora-propagandista*, oferecia uma programação em que constavam atrações como recitais de poesias e peças teatrais por meninas de doze anos de idade e conferências acerca da relação entre a educação racionalista e a questão feminina apresentada por senhoras e livres-pensadores simpatizantes da iniciativa.

Igualmente, a leitura dos variados anúncios e notas publicadas por *A Lanterna* acerca das atividades promovidas em favor das Escolas permite a recuperação desta diversificada gama de atores, entre indivíduos ou grupos que compartilharam da experiência coletiva de sociabilidade própria ao *instrutor-propagandista*: além de militantes libertários, opositores das mais variadas matizes ao regime republicano procuraram de algum modo contribuir na campanha; suas origens, assim como suas profissões eram diversificadas, encontrando-se de jornalistas a operários de ramos os mais distintos, pequenos comerciantes e profissionais liberais; afora as associações coletivas especificamente dedicadas ao propagar das iniciativas pedagógicas libertárias, se encontram registros de Ligas Operárias, Corporações Musicais, Centros de Estudos e Grupos Teatrais.

Fruto dos esforços destes atores em constituírem diversas atividades coletivas de propaganda e instrução para a população paulistana, entre julho e agosto de 1913 *A Lanterna* anunciava em suas páginas o início do funcionamento de duas Escolas Modernas na cidade de São Paulo¹⁵. No anúncio de uma destas Escolas, se lia:

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Cientificamos às famílias que se acha instalada no prédio da rua Müller, 74, a Escola Moderna n° 2, criada sob os auspícios do Comitê Pró Escola Moderna.

Esta Escola servir-se-á do método indutivo, demonstrativo e objetivo, e basear-se-á na experimentação, nas afirmações científicas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma idéia clara do que se lhes quer ensinar.

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, INTELECTUAL E MORAL

Conhecimento de tudo quanto nos rodeia.

Conhecimento das ciências e das artes.

Sentimento do belo, do verdadeiro, e do real.

Desenvolvimento e compreensão sem esforço e por iniciativa própria.

MATÉRIAS:

As matérias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de – *leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geometria, geografia, botânica, zoologia, mineralogia, física, química, fisiologia, história, desenho, etc.*

¹⁴Sociedade Feminina de Educação Moderna. *A Lanterna*, São Paulo, ano IX, n° 30, 30/04/1910, p.1.

¹⁵No período entre julho e agosto de 1913, foram fundadas duas Escolas Modernas na cidade de São Paulo, por iniciativa da Associação Pró-Escola Moderna de São Paulo: denominada nas publicações seguintes encontradas no jornal de Escola Moderna n°1, a primeira funcionou inicialmente numa sala no bairro do Belenzinho, tendo por diretor o militante anarquista João Penteado; a segunda, denominada Escola Moderna n°2, se situava originariamente no bairro do Brás, tendo por responsável o militante anarquista espanhol Florentino de Carvalho

Para maior progresso e facilidade de ensino, os meninos exercitar-se-ão nas diversas matérias com o auxílio do museu e da biblioteca que esta Escola está adquirindo, e que servirá de complemento ao ensino adquirido nas aulas.

Na tarefa de educação, tratar-se-ão de estabelecer relações permanentes entre a família e a escola, para facilitar a obra dos pais e dos professores.

Os meios para criar estas relações serão as reuniões em pequenos festivais dos quais se recitará, se cantar, e se realizarão exposições periódicas dos trabalhos dos alunos; entre os alunos e os professores haverá palestras a propósito de várias matérias, onde os pais conhecerão os progressos alcançados pelos alunos.

Para complemento do nosso programa de ensino organizar-se-ão sessões artísticas e conferências científicas.

Horário: das 12 da manhã às 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 às 12 horas da manhã e das 4 às 6 da tarde.

A diretoria.

S. Paulo, agosto de 1913¹⁶.

Além da expressão de características anteriormente apontadas como próprias às modalidades de sociabilidade e instrução disseminadas pelas práticas e espaços constituídos pela atuação dos instrutores-propagandistas, este anúncio deixa transparecer um novo elemento referente à relação entre estas Escolas e seus interessados. Nesse caso, trata-se do convite à participação dos pais das crianças matriculadas nestas Escolas para que acompanhem o desenvolvimento das práticas e saberes de seus filhos, que revelaria uma disposição de fazer do cotidiano das mesmas uma ocasião permanentemente aberta à intervenção indistinta de todos os interessados em suas atividades.

A leitura dos variados anúncios referentes ao funcionamento das duas Escolas Modernas em *A Lanterna* permite perceber que estas procuraram funcionar por meio de instrumentos similares àqueles coletivamente disseminados pelos variados *instrutores-propagandistas* durante os anos de campanha em favor de sua construção.

Ainda assim, cabe assinalar que a experiência de sociabilidade designada pelo comportamento de *instrutor-propagandista* adquiriu seu maior grau de radicalidade justamente nas atividades promovidas a partir da fundação das Escolas. Nesse aspecto, a leitura não só das programações das festividades e conferências ocorridas em favor das Escolas a partir de 1913, como também dos balanços destas atividades publicados em *A Lanterna*, permitem a percepção de que as crianças que as frequentavam tiveram um envolvimento direto tanto na organização quanto nas apresentações presentes nestes singulares festivais de instrução pública. Além de apresentarem publicamente trabalhos oriundos de seu próprio esforço, estas crianças muitas vezes se encontravam tanto entre aqueles que doavam objetos para as rifas e quermesses para a arrecadação de fundos quanto entre os que confeccionavam artigos de decoração para as festividades.

Também parte dos atributos específicos das atividades disseminadas pelos *instrutores-propagandistas* surgidas a partir da fundação das Escolas, uma última característica os distingue: a conjugação, num mesmo espaço festivo, do instruir com experiências lúdicas e estéticas de sociabilidade, como se pode depreender, por exemplo, da programação de uma festividade em favor da Escola Moderna N° 2 que viria a ocorrer em dezembro de 1913:

1° - Canto do hino *O saber*, pelos alunos;

2° - Experiências de física e química pelos alunos;

3° - Leitura de várias composições elaboradas pelos alunos Luiza Sipetz, Luiz Ares e Manuel Soares;

4° - Representação do interessante diálogo de Leão Tolstói, *Sabedoria dos meninos*, pelo aluno Nilo Leuenroth e a companheira M. S.;

¹⁶ Escola Moderna N. 2. *A Lanterna*, São Paulo, ano XII, n° 193, 03/08/1913, p.2.

- 5º - Preleção em português pelo professor Florentino de Carvalho sobre o tema *Educação Dogmática e Educação Racional*;
- 6º - Conferência em italiano por um companheiro sobre um tema escolar;
- 7º - Breve exposição, em espanhol, de idéias de renovação social pelo camarada Galileo Sanchez;
- 8º - Recitação das poesias: de Raimundo Reis, *A operária*, pela aluna Luiza Sipetz; de Hipólito Silva, *Genesis sombria*, pela aluna Áurea Duarte; de Guerra Junqueiro, *Falam po-cilgas de operários*, pelo aluno Germinal Rodrigues; de João de Deus, *Salvas fúnebres*, pela aluna Carmen Serrato;
- 9º - Representação do importante diálogo *Um menino demasiado curioso*, pelo aluno Manuel Soares e o camarada A. N.;
- 10º - O festival terminará com o canto *Alegria da infância*, música do hino dos trabalhadores.

Nos intervalos serão exibidas interessantes fitas, cuidadosamente escolhidas¹⁷.

CONCLUSÃO

Entre atividades lúdicas e estéticas, abordando e polemizando destemidamente acerca dos mais variados assuntos, a experiência coletiva de sociabilidade singularizada pelo comportar enquanto *instrutor-propagandista* disseminado pela militância anarquista atuante em São Paulo em favor das Escolas Modernas fez florescer um radical e inovador uso da ação direta enquanto instrumento potencial de emancipação coletiva. Individualmente ou associados, militantes ou simpatizantes, estes homens, mulheres e crianças, instruindo e propagando suas mais caras aspirações ousaram dar, coletivamente, concretude, à sua maneira, nas ruas, teatros e salões paulistanos de então, a espaços onde a apreensão de saberes não se dissociasse de perspectivas humanizadas de emancipação e autonomia popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- _ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw de. Blásfemos e sonhadores: ideologia, utopia e sociabilidades nas campanhas anarquistas em A Lanterna (1909 – 1916). São Paulo: FFLCH/USP (Dissertação de Mestrado), 2009.
- _HARDMAN, Francisco Foot. Imprensa operária, espaço público e resistência: notas de leitura. In: HARDMAN, Francisco Foot. Nem pátria nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil, 3ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2002, p.301 a p.327.
- _GALLO, Silvio. Pedagogia do risco. Campinas: Editora Papyrus, 1997.
- _GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. Pedagogia, educação e movimento operário na primeira república. São Paulo: PUC/SP (Dissertação de Mestrado), 1986.
- _LOPES, Milton. A Universidade Popular: experiência educacional anarquista no Rio de Janeiro. In: DEMICINIS, Rafael Borges, REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs). História do Anarquismo no Brasil, vol. 1. Niterói: Editora EduFF: Rio de Janeiro: Editora MAUAD, 2006, p.203 a p.230.
- _NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino Nascimento. Indisciplina: experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil. São Paulo: PUC/SP (Tese de Doutorado), 2006.
- _RODRIGUES, Edgar. O anarquismo: na escola, no teatro, na poesia. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1992.
- _____. Alvorada Operária. Rio de Janeiro: Edições Mundo Livro, 1979.

¹⁷S. ESCOLA MODERNA - Um festival artístico literário promovido pela Escola Moderna N. 2. A Lanterna, São Paulo, ano XII, nº 211, 06/12/1913, p.2.